

DELEUZE, LEITOR DE NIETZSCHE: ELEMENTOS PARA UMA FILOSOFIA DA DIFERENÇA

*DELEUZE, READER OF NIETZSCHE: ELEMENTS FOR A
PHILOSOPHY OF DIFFERENCE*

Manoel Coracy Saboia Dias

Universidade Federal do Acre, Brasil

Anthony Gabriel da Silva Frota

Universidade Federal do Acre, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v4i1.162>

RESUMO: O propósito deste artigo consiste em apresentar ao leitor alguns elementos para uma filosofia da diferença, partindo da interpretação deleuziana sobre a produção intelectual de Friedrich Nietzsche, mais precisamente, no tocante aos conceitos: genealogia, vontade de potência e eterno retorno. Para isto, o referencial teórico deste trabalho são as obras Nietzsche e a Filosofia (1962) e Diferença e Repetição (1968), do pensador francês Gilles Deleuze. Destaca-se a “diferença pura” como critério para a criação de novas maneiras de ser, contrapondo-se à imagem dogmática do pensamento.

PALAVRAS-CHAVE: Diferença. Criação. Multiplicidade.

ABSTRACT: The purpose of this article is to present the reader to some elements for a philosophy of difference, starting from Deleuze’s interpretation of Friedrich Nietzsche’s intellectual work, more precisely, regarding the concepts: genealogy, the will to power and eternal return. For this, the theoretical framework of this work is based on the works Nietzsche and Philosophy (1962) and Difference and Repetition (1968) by the French thinker Gilles Deleuze. The “pure difference” is highlighted as a criterion for the creation of new ways of being, contrasting with the dogmatic image of thought.

KEYWORDS: Difference. Creation. Multiplicity.



Introdução

“A vida mesma é, para mim, instinto de crescimento, de duração, de acumulação de forças, de poder: onde falta a vontade de poder, há declínio.”

(F. Nietzsche, *O Anticristo*, §6)

Atualmente, não há dúvidas de que Friedrich Nietzsche é um filósofo ímpar, embora o reconhecimento da sua criatividade e riqueza estilística tenha acontecido tardiamente, por meio de grandes pensadores do século XX; entre eles, Gilles Deleuze. Todavia, o modo de filosofar nietzschiano caracteriza-se, principalmente, por um pluralismo de formas de expressões, codificadas em metáforas, aforismos, paródias, paradoxos, parábolas, metonímias e por um único estilo que é o poético, estabelecendo uma ruptura com a tradição metafísica.

Filosofia “a golpes de martelo”¹, afirmação da vida *hic et nunc* (aqui e agora), crítica da representação, libertar a diferença dos grillhões violentos da identidade. Tais elementos serviram de inspiração para Deleuze, que não só exaltou os escritos de Nietzsche, como também imprimiu sua própria marca na interpretação destes, com destaque para as obras *Nietzsche et la philosophie* (1962) – Nietzsche e a Filosofia – e *Différence et Répétition* (1968) – Diferença e Repetição.

Na continuidade, veremos de que modo o filósofo francês se apropriou de alguns conceitos nietzschianos para produzir a sua própria *ontologia da diferença*.

Por uma genealogia dos valores

Na história da filosofia contemporânea, a aproximação entre Gilles Deleuze e Friedrich Nietzsche é um banquete criativo e intenso consagrado à diferença no seu estado puro, como elogio da multiplicidade. Atribuições de sentido e valor, integradas a um projeto genealógico, possibilitam a

1 O martelo-diapasão, mencionado em *Crepúsculo dos Ídolos*, é uma ferramenta crítica, analítica e avaliadora ao mesmo tempo. Sua importância não é meramente destruidora, já que o martelo também serve como instrumento clínico que opera transformação ou libertação do peso maldito da palavra que sufoca a vida do espírito. Metafórica e clinicamente o martelo destrói, mas também ajuda a construir novas “imagens de pensamento” que contribuem para a elevação da própria vida.

crítica e a avaliação do que até hoje constitui a “lei mosaica” da racionalidade ocidental, marcada pela ênfase na identidade do conceito.

Para Deleuze, não há crítica sem o elemento positivo da criação, pois o projeto nietzschiano de uma “filosofia do futuro” não é movido pela reatividade ou pelo desejo de vingança, pilastras de uma cultura niilista e ressentida. Diversamente, tal empreendimento é “a expressão ativa de um modo de existência ativo”². E quando se trata de questionar o valor dos valores, o diagnóstico está profundamente ligado à maneira de ser daquele que avalia. Um exemplo disso pode ser encontrado na primeira dissertação de *Genealogia da Moral* (1887), onde o nobre é compreendido como aquele que diz “Sim” a si mesmo, enquanto o escravo constrói sua moral através do “Não” dirigido ao diferente³. Nota-se, segundo essa perspectiva axiológica, a coexistência de forças que rivalizam: a primeira é uma força ativa, enquanto a segunda é reativa.

Com efeito, a palavra “força”, para Nietzsche e Deleuze, é sempre dita no plural. Relações de força, pluralidade de forças. Não há sentido sem multiplicidade, muito menos fatos sem a arte da interpretação. Por esse ângulo, a perspectiva genealógica se distingue da cristã e da dialética, tendo em vista que a negatividade não lhe serve como parâmetro. Seria Nietzsche um “anti-dialético”? Ou melhor, um “anti-hegeliano”?

De acordo com a leitura deleuziana em *Nietzsche et la philosophie* (1962):

O anti-hegelianismo atravessa a obra de Nietzsche como o fio condutor da agressividade. Podemos segui-lo já na teoria das forças. Em Nietzsche, a relação essencial de uma força com outra nunca é concebida como elemento negativo na essência. Em sua relação com uma outra, a força que se faz obedecer não nega a outra ou aquilo que ela não é, ela afirma sua própria diferença e se regozija com sua própria diferença. [...]. Nietzsche substituiu o elemento especulativo da negação, da oposição ou da contradição, pelo elemento prático da diferença: objeto de afirmação e de gozo⁴.

Assim sendo, a dialética hegeliana configura-se como modo de pensar da plebe, uma vez que tenta “domesticar” o movimento através de uma representação do poder construída pelo fraco (consciência de

2 DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução de Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976, p. 2

3 Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, pp. 12-25.

4 DELEUZE, 1976, p. 7.

escravo), buscando a síntese para resolver o contraditório. O pluralismo nietzschiano não é dialético. Seu horizonte é a visão trágica de mundo, onde a saída para os problemas do mundo está nele próprio.

O pensador alemão afirma a vida de forma múltipla: eis a essência do Trágico com todo o seu requinte de crueldade ou de cruieza do próprio real. Desse modo, por exemplo, o que Dionísio, deus alegre, nos ensina não é enquadrar a existência num tribunal, julgando-a culpada e faltosa, da maneira que fez o cristianismo, doutrina que assume novos disfarces na dialética moderna. Em vez da responsabilidade dialética, Nietzsche presenteia a filosofia com as ideias de aparência, de ilusão, de “inocência” e das artes como forma de fazer o enfrentamento do peso da existência na realidade do mundo.

Vontade de Potência e Eterno Retorno

“O mundo visto de dentro, o mundo determinado por seu ‘caráter inteligível’ – seria justamente vontade de potência, e nada mais.”

- F. Nietzsche, *Além do Bem e do Mal*, §36

Conforme destacamos inicialmente, a avaliação dos valores pressupõe uma maneira de ser, ou seja, um princípio interno, qualitativo e diferencial. Tal elemento foi conceituado por Nietzsche como “vontade de potência”, e contribuiu para o alargamento da *Ontologia Imanente* deleuziana no que se refere a diferença pura, ao passo que a cosmologia do “eterno retorno” é crucial para o conceito da repetição. Contudo, não se trata de uma mera repetição do mesmo, tanto no sentido cosmológico quanto no sentido ético-estético; porque todo acontecimento é único dentro do tempo e do espaço.

Na XI seção de *Nietzsche et la philosophie*, Deleuze utiliza a metáfora do lance de dados para exemplificar a afirmação do acaso (o jogo) e, por conseguinte, a afirmação do resultado (os dados que caem). O que se pretende dizer com isto? “O lance de dados afirma o devir e afirma o ser do devir”⁵. Trata-se da afirmação do ser no múltiplo, da necessidade no acaso, da vontade que se expande criativamente, sem ressentimento ou crença demasiada no “porto seguro”. A ótica assumida, antes do jogo, distingue o bom jogador do mau jogador.

5 DELEUZE, 1976, p. 21.

A esse respeito, Frota e Cunha⁶ salientam que, diante da tragicidade do real, existem maneiras afirmativas e maneiras negativas de lidar com o acaso. Os otimistas criam valores estéticos que enobrecem a vida no portal do instante, enquanto os pessimistas maldizem tudo aquilo que não faz parte do rebanho. Esse contraste é importante para entender a distância e a diferença no nascimento da moralidade.

Para desenvolver uma *ontologia singular*, Deleuze esclarece que o eterno retorno nietzschiano não é alusão a um ciclo – como acreditavam, por exemplo, os estoicos –, mas ao *revir* do diferente, ao ser do próprio movimento. Dessa forma, o que retorna nunca é o idêntico, mas o novo, que não pode ser confundido com o igual. A repetição, para o filósofo francês, é o motor da diferença.

Roberto Machado, na obra *Deleuze e a filosofia*, comenta acerca do vínculo profundo entre o conceito de eterno retorno e a crítica deleuziana às teorias da representação:

Não se deve pensar o ser como oposto ao devir, o um como oposto ao múltiplo, a necessidade como oposta ao acaso, de modo geral, a identidade como oposta à diferença. É a filosofia da representação que considera o devir como algo que deve ser reabsorvido no ser, o múltiplo no um, o acaso na necessidade, ou a diferença na identidade. O antiplatonismo de Nietzsche, e a radicalidade do conceito de eterno retorno como ponto de vista inteiramente novo, consiste justamente em afirmar que o ser se diz do devir como devir, o um se diz do múltiplo como múltiplo, a necessidade se diz do acaso como acaso: em suma, a identidade se diz da diferença como diferença⁷.

Outro ponto a ser destacado é a seletividade do eterno retorno como sendo a maior forma de amor incondicional pela vida e às coisas da terra, i. e., sua interpretação como roda centrífuga que expulsa a vontade de nada. O homem fraco, o ressentido e vingativo não é capaz de querer o retorno, e por isso se refugia no “mundo-verdade”, ilusão criada para depreciar o mundo real e a vontade dos homens fortes. Somente os afirmadores conseguem abraçar a vida com intensidade, sobrevivendo ao caos e à falta de um sentido transcendente.

6 FROTA, Anthony Gabriel da Silva; CUNHA, Guilherme da Silva. Propedêutica dos conceitos de bom e mau a partir das obras *Genealogia da Moral* e *O Anticristo* de Nietzsche. *Cadernos Miroslav Milovic*, Porto de Galinhas, v. 1, n. 1, p. 213-221. Disponível em: <https://miroslavmilovic.com.br/index.php/cadernos/article/view/107>. Acesso em: 12 abr. 2026

7 MACHADO, Roberto. *Deleuze e a filosofia*. Rio de Janeiro: Graal, 1999, pp. 85-86.

A repetição é transgressora

Nas primeiras páginas do célebre *Différence et Répétition* (1968), Gilles Deleuze aponta duas maneiras contrastantes de interpretar o fluxo do pensamento: generalidade e repetição. A primeira via diz respeito aos paradigmas identitários, à lógica da representação, à busca por semelhança e equivalência, à classificação do mundo por meio de categorias previamente determinadas; concisamente, faz referência aos padrões hegemônicos da lei, e é o modelo pelo qual os ocidentais, durante muito tempo, produziram filosofia e ciência. Sob outra perspectiva, temos a repetição, distinta da ordem representacional, que é descrita por Deleuze nos seguintes termos:

Ela é contra a lei: contra a forma semelhante e o conteúdo equivalente da lei. Se a repetição pode ser encontrada, mesmo na natureza, é em nome de uma potência que se afirma contra a lei, que trabalha sobre as leis, talvez superior às leis. Se a repetição existe, ela exprime ao mesmo tempo uma singularidade contra o geral, uma universalidade contra o particular, um notável contra um ordinário, uma instantaneidade contra a variação, uma eternidade contra a permanência. Sob todos os aspectos, a repetição é transgressão. Ela põe a lei em questão, denuncia seu caráter nominal ou geral em proveito de uma realidade mais profunda e mais artística⁸.

Em objeção ao primado da identidade sobre a multiplicidade, o filósofo francês não se refere a repetição para dizer sobre o Mesmo, pois o revir da diferença sempre traz algo singular, que não possui equivalente ou semelhante. À vista disso, o “roubo” e o “dom” - ao invés da troca - são os critérios para uma autêntica filosofia da diferença⁹. Essa marca é visível em grande parte da obra deleuziana, sobretudo se considerarmos a articulação entre pensadores como Lucrécio, Hume, Spinoza, Leibniz, Kant e o próprio Nietzsche.

Ademais, a filosofia, enquanto criação de conceitos¹⁰, é produzida em relação a domínios heterogêneos, i.e., ao extra-filosófico. Criar algo novo implica fazer composições entre signos dessemelhantes, fruto da intersecção entre filosofia, ciência e arte. Nesse sentido, o pensamento da diferença ultrapassa a justificação do *status quo*, abrindo espaço para novas estéticas da existência.

8 DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024, p. 19.

9 DELEUZE, 2024, p. 18.

10 O tema da filosofia como “criação de conceitos” é apresenta, posteriormente, na obra *Qu'est-ce que la philosophie?* (1991), escrita em parceria com Félix Guattari.

Conforme Deleuze,

Tirar a diferença de seu estado de maldição parece ser, pois, a tarefa da Filosofia da Diferença. Não poderia a diferença tornar-se um organismo harmonioso e relacionar a determinação com outras determinações numa forma, isto é, no elemento coerente de uma representação orgânica? Como “razão”, o elemento da representação tem quatro aspectos principais: a identidade na forma do conceito indeterminado, a analogia da relação entre conceitos determináveis últimos, a oposição na relação das determinações no interior do conceito e a semelhança no objeto determinado no próprio conceito. Estas formas são como as quatro cabeças ou os quatro liames da mediação. Diz-se que a diferença é “mediatizada” na medida em que se chega a submetê-la à quádrupla raiz da identidade e da oposição, da analogia e da semelhança. A partir de uma primeira impressão (a diferença é o mal), propõe-se a salvar a diferença, representando-a e, para representá-la, relacioná-la às exigências (semelhanças) do conceito geral¹¹.

Na contramão dos quatro grilhões que subordinam a diferença à identidade do conceito – sobretudo na filosofia clássica aristotélica –, Deleuze observou um programa comum a Kierkegaard e Nietzsche: os artifícios do humor e da ironia contra as carapuças impostas pelas leis da Natureza ou da moral. Tanto o teatro da fé – com as figuras de Abraão e Jó – como o teatro do ateísmo – em Zaratustra – dizem respeito a uma vontade que se afirma para além das convenções e dos territórios. Onde a diferença é louvada, o movimento é afirmado ao invés de ser domesticado por meio de ciclos e legislações. Exalta-se a diferença pura, sem dogmatismo, sem imagem fixa. Afinal:

A primeira maneira de subverter a lei é irônica, e a ironia aí aparecendo como uma arte dos princípios. A segunda é o humor, que é uma arte das consequências e das descidas, das suspensões e das quedas. Significará isso que a repetição surge tanto na suspensão quanto na ascensão, como se a existência se retomasse e se “reiterasse” em si mesma, não mais coagida pelas leis? A repetição pertence ao humor e à ironia, sendo por natureza transgressão, exceção, manifestando sempre uma singularidade contra os particulares submetidos à lei, um universal contra as generalidades que tem força de lei.¹²

A filosofia da diferença de Deleuze, com suas ressonâncias nietzschianas, reverte Platão e o platonismo, considerando que os simulacros (sejam cópias das cópias), e, apesar disso, o simulacro não é algo inferior ou menor, mas se traduz numa capacidade artística de criar

11 DELEUZE, 2024, pp. 54-55.

12 DELEUZE, 2024, p. 22.

conceitos que valorizam a vida em todas as suas dimensões. Longe de serem cópias perfeitas de um modelo Ideal, subvertem a hierarquia e escapam ao controle da representação, visto que não podem ser espelhados por uma imagem dogmática e verdadeira.

(In) Conclusão

Ao final deste trabalho, consideramos que o “roubo” praticado por Gilles Deleuze têm efeitos positivos para a leitura de Nietzsche como filósofo extemporâneo, e também inspira o aparecimento de novas singularidades no campo filosófico. O estilo irreverente do autor de *Nietzsche e a filosofia* nos impulsiona à insubmissão voluntária perante as tentativas de conter a vida em sistemas fechados, afirmando a multiplicidade como arma para degolar a mera ideia de repetição do mesmo.

Referências

- DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução de Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- FROTA, Anthony Gabriel da Silva; CUNHA, Guilherme da Silva. Propedêutica dos conceitos de bom e mau a partir das obras *Genealogia da Moral* e *O Anticristo* de Nietzsche. **Cadernos Miroslav Milovic**, Porto de Galinhas, v. 3, n. 1, p. 213-221, 2025. Disponível em: <https://miroslavmilovic.com.br/index.php/cadernos/article/view/107>. Acesso em: 12 abr. 2026
- MACHADO, Roberto. **Deleuze e a filosofia**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.